

O EU E O OUTRO: A RECEPÇÃO CRÍTICA DE AUGUSTO DOS ANJOS

Maria Zélia Versiani Machado*

ABSTRACT:

The aim of this essay is to discuss the importance of literary criticism in the rediscovery of Eu, by Augusto dos Anjos as well as to propose a reading of his poetry.

KEY WORDS: *Criticism; Reception; Diachrony; Synchrony; Eu; Augusto dos Anjos.*

O que seria um texto composto de trechos ou frases de diversas leituras críticas sobre uma mesma obra literária? Seria possível captar, nessa montagem, aquele *duplo jogo* de que fala Kristeva, que se dá na matéria da língua e na história social? As unidades mínimas do novo texto seriam palavras-discursos, expressão que reúne 'unidade de linguagem' e 'enunciação', colocadas lado a lado com outras de diferentes dicções no movimento de leituras da obra.

O livro de poemas *Eu*, de Augusto dos Anjos, desde a sua publicação em 1912, mantém incessante interesse de seus leitores-críticos, que o manifestam através de seus textos escritos para publicação em livros ou jornais. Submeter os textos-leituras a um recorte e a uma colagem num novo arranjo que presentifique a sucessividade própria do pensamento crítico, sem perder o fluxo de cada fragmento, não se assemelha ao trabalho de costureiro ou de arquiteto, mas de maestro, para recortar e colar as vozes numa composição que parece mais um estranho *pot-pourri*, com passagens dissonantes. Por um processo de justaposição e não de combinação, o ouvido seleciona vozes segundo um critério cronológico que possibilite perceber distanciamentos e aproximações da linguagem crítica, que não só diz do leitor-crítico, mas também do público a que os seus textos se dirigem.

* Mestre em Teoria da Literatura, 1997.

Em *O Trabalho da citação*, Antoine Compagnon (1996:23) diz que "a citação repete, faz com que a leitura ressoe na escrita: é que, na verdade, leitura e escrita são a mesma coisa, a prática do texto que é a prática do papel. A citação é a forma original de todas as práticas do papel, o recortar-colar, e é um jogo de criança."

A posição de quem corta e cola, na prática do papel que Compagnon busca caracterizar, difere um pouco da de quem quer, através do ouvido, resgatar o movimento temporal de vários enunciados, sem que, colados num novo conjunto, percam a condição de fragmento. As vozes destacadas umas das outras são ponto ou contraponto, cuja repetição faz ressoar o tempo nas maneiras como a obra foi lida.

Hoje a tradição crítica brasileira oferece aos estudos literários extenso material de pesquisa. Trabalhos que se propõem examiná-la diacronicamente permitem que se constate como a história da crítica no Brasil possui contornos que podem ser definidos e identificados como traços peculiares à nossa formação cultural. Muitos são os estudiosos da literatura que, na sua produção ensaística, cada vez mais orientam seu interesse para aspectos da história da crítica para, através da recuperação de modelos historicamente reconhecidos, melhor compreender os modelos atuais de análise do texto literário. Esse interesse favorece a retomada de variados *modos de leitura*, elucidando-os quando já não os escutamos ou não mais queremos ouvir vozes que estejam em discordância com o discurso crítico contemporâneo. Enquanto diferença, os textos críticos do passado possibilitam uma mais profunda compreensão de modelos atuais de percepção do objeto artístico, entendidos como resposta à tradição.

Acompanhar o movimento da recepção crítica do livro de poemas *Eu*, de Augusto dos Anjos, além de trazer à tona aspectos concernentes aos modos como a obra foi lida nos diversos momentos históricos de suas sucessivas edições, permitiu que também se colocassem questões fundamentais sobre o fazer crítico, sua história e sua transformação.

No percurso que vai desde a primeira edição do livro, em 1912, até 1969, ano em que Anatol Rosenfeld publica seu importante ensaio "A Costela de Prata de Augusto dos Anjos", as mais diferentes leituras permitem que se estabeleçam

contrapontos interessantes de análise. Apesar de muitas vezes os textos apresentarem-se avessos a uma apreensão das relações entre os discursos críticos, é possível que se delineie um movimento desencadeado pelo interesse comum pela obra literária. Um movimento, convém marcar, que se insinua múltiplo porque fundado na diferença, mas que só se caracteriza como movimento contínuo pelo fato de, além de se inscreverem como diferença, as leituras críticas se inscrevem como fenda, abertura, intervalo. O discurso crítico visto como movimento torna possível a ampliação do conceito de crítica como atividade que suscita crise ou mudança, e não apenas como juízo ou explicação última da obra literária.

A validade desse peculiar tipo de leitura, ou seja, a leitura crítica, é dada pelas aberturas que o texto crítico oferece ao leitor. Essa perspectiva de abordagem do texto crítico, de viés diacrônico, como se pode perceber, se orienta por um agudo sentido da contemporaneidade. Um olhar que procura, segundo seus próprios modelos de entendimento da arte e do fazer crítico, as fendas responsáveis pela continuidade do diálogo, ou pela sustentação das leituras no tempo.

No movimento, alguns dos discursos críticos fecham-se em si mesmos. Numa espécie de disputa com o texto poético, dele se afastam e voltam-se para si próprios, pois tentam explicar e aprisionar o que, por sua natureza, é avesso à fixação. Além disso fecham-se também para o diálogo com outros textos críticos seus contemporâneos, pois se afastam do enfoque por eles proposto. A tensão entre sincronia e diacronia capta tanto aquilo que se constitui como um diálogo entre os textos críticos, como a negação desse diálogo. Negação engendrada a partir da limitação ou abrangência do universo de leituras de outros textos críticos, quando o leitor se coloca diante do texto literário a fim de tornar pública sua leitura da obra.

Em negativo podem-se ler, no decorrer desse percurso, indicações de uma leitura contemporânea do *Eu*, manifesta tanto naquilo que se omite nos textos do passado quanto no que se seleciona, tanto no que se ressalva quanto no que se sublinha. Ainda marcas de uma abordagem não-monumental da história da literatura apontam a opção de análise via recepção, partindo da indagação: como pode uma obra sustentar por tantos anos a fio - na contramão da unanimidade (a sua

contínua leitura, como ocorreu com o único livro de Augusto dos Anjos?

Tamanho interesse deve muito à crítica de rodapé que inicialmente apresentou o livro ao público leitor de jornal. E, dessa forma, conta tanto a crítica elogiosa quanto a depreciativa – a pior 'modalidade' de crítica é a da indiferença absoluta. A indefinição do lugar que o livro passaria a ocupar no cenário historiográfico da literatura nacional e o tom polêmico das suas leituras críticas contribuiriam decisivamente para o processo de continuidade da leitura do *Eu*, pois renovavam o interesse e as indagações dos leitores em geral, que se deixam ver nas incontáveis edições.

A recuperação do autor como leitor possibilita o entrecruzamento de textos tanto da esfera privada como da esfera pública, ambas apontando elementos de elucidação do projeto criativo do poeta. Em um de seus textos sobre o livro de poemas, Antônio Houaiss (1973:49) a propósito da importância da biografia para o estudo da obra, diz que "a vida de cada homem, de cada poeta, de cada produtor, é também uma "obra" – e as duas obras é que são a obra".

A biografia hoje é uma biografia que se quer renovada, pois, reconhecendo a fragilidade e a relatividade dos processos de apreensão da vida, privilegia o texto, lugar onde o sujeito se inscreve no exercício da enunciação.

Não sei quando me será dada a satisfação de ir até aí visitar os meus, rever-me na antiga atmosfera de afetos, a cujo influxo devo a formação integral do meu ser.

Prisioneiro da luta pela vida, há tantos anos, sou obrigado a sufocar logo, na estreiteza prodrômica do nascedouro, os meus desejos mais intensos.

De sorte que a minha vida aparente, para quem lhe não tem conhecido a substância dolorosa, é a de um indivíduo dotado muito parcamente de afetividade, que, aliás, é, no meu ver, o fundamento precípua de toda a existência humana.

Vou destarte acumulando as mais ardentes saudades e nutrindo-me das mesmas, como um pássaro necrófago, na sua solidão. (ANJOS,1994:772)

Trechos de cartas do poeta Augusto dos Anjos, como o acima mencionado, além de outros textos que compõem o conjunto de documentos por ele escritos, apesar de se circunscreverem em instâncias diferenciadas de circulação, aparecem fortemente ligados à atividade poética, denotando uma coerência profunda de processos e escolhas pessoais. Também os estudos biográficos, hoje considerados

construções eletivas e seletivas da vida do poeta, não adquirem estatuto de origem, de configuração ou explicação última da obra. Colocados em circulação, os vários textos, 'escritas' diversas e de finalidades distintas, dialogam entre si no ato da leitura.

Essa nova perspectiva biográfica reacende a discussão sobre a autonomia da obra de arte, na qual o interesse pelo homem, estampado nas cartas ou nas respostas a entrevistas, ou ainda nas memórias daqueles que sobre a sua vida se debruçaram, pode contribuir para a elucidação de uma poética racionalmente construída, como foi o projeto de Augusto dos Anjos.

A história da leitura do *Eu* é também uma história da mudança do conceito de poesia. O estranhamento, negativo inicialmente, ganha contornos positivos com o passar do tempo. Em Augusto dos Anjos, novos paladares guiam "o imortal apetite do belo", de que falou Baudelaire. A coerência da poética do *Eu* relaciona-se à insistência temática e à exigente rigidez formal dos poemas, pois, juntos, esses elementos apontam o caráter essencialmente construtivo da poesia de Augusto dos Anjos, ou melhor, evidenciam o projeto de construção de uma antilírica.

O que muitos leitores chamaram "mau gosto" – e que hoje compreendemos como mudança ou transformação do gosto – lança a poesia de Augusto dos Anjos para além dos quadros da literatura do início do século, por ter colocado em crise a linguagem da poesia – e , o que é mais importante, sustentado essa crise. Mas mesmo entendida como poesia de *mau gosto* ou *estranha* ela pôde, desde a sua primeira recepção e nas suas sucessivas edições, propiciar um contínuo movimento de leitura, ainda que percebida como insólito desconforto ou como curiosas idiossincrasias de um "solitário pássaro necrófago".

O último texto crítico analisado neste trabalho, "A Costela de Prata de Augusto dos Anjos" (ROSENFELD, 1973:315), publicado 57 anos após a primeira edição do livro de poemas, inaugura uma nova fase da leitura do *Eu*, pois é aquele que mais se aproxima de uma compreensão contemporânea da arte, ao aproximar Augusto dos Anjos do expressionismo alemão e ao colocar como eixo fundamental da poética do *Eu* a questão da saturação da linguagem: "Não só o ser humano, também a palavra e a metáfora tradicionais desintegram-se ante o impacto dessa poesia".

O texto amplia a discussão crítica e representa, dentro do conjunto de trabalhos focalizados, uma especialização da crítica que, a essa altura, já não se restringia aos jornais, sendo muitos dos textos escritos para publicação em livros. Uma especialização manifesta que se coloca como responsável pela abertura de possibilidades de novas leituras, e assim passa ativamente a participar do sinuoso e variado movimento de leituras do *Eu* no tempo. A leitura de Anatol Rosenfeld aprofunda as relações entre a consciência do poeta e a linguagem da poesia. Relações que alguns críticos anteriores a ele só muito timidamente apontavam.

Augusto dos Anjos leu seus poemas à luz de uma poética que tardiamente, exceto em alguns casos isolados, se anunciava no Brasil. Uma estética que partilhava de ideais de beleza diferentes daqueles presentes na nossa tradição lírica. O provocativo *Eu* desestabilizava a calma da herança romântica que tinha a poesia como "o fluir do Eu", sentimental, único, amoroso.

Se dizemos que do leitor moderno passou a ser exigida uma maior participação na leitura, do escritor exige-se uma constante atividade crítica em relação à criação. Augusto dos Anjos foi antes de tudo um leitor de seus poemas, o que pode ser percebido pela tensão que os percorre do primeiro ao último no *Eu*, dando a seu conjunto uma coerência interna, só possível mediante um esforço de leitura crítica. Crítica introjetada que se manifesta pelos caminhos da metalinguagem, da configuração de uma poética no interior da própria obra. A radicalização do poeta no que se refere ao questionamento da lírica (e por consequência da linguagem (faz dele antes de tudo um leitor. Um leitor crítico da tradição lírica que, ao *dissecá-la*, a renova, projetando-se para muito além dos ideais que reduziam o processo poético à ingênua inspiração:

Falas de amor, e eu ouço tudo e calo!
O amor na Humanidade é uma mentira.
É. E é por isto que na minha lira
De amores fúteis poucas vezes falo. (ANJOS, 1994:229)

A frase mínima do verso de "Idealismo", "É.", índice de máxima objetividade, apresenta-se como ironia. Nó da estrofe, ela produz um ruído na linguagem poética, intensificando o explícito rompimento. Ao trazer para o

interior do poema a crítica da tradição, poeta e leitor tornam-se parceiros. Esse é o aspecto peculiar da visão da leitura na contemporaneidade e da ênfase nela colocada. A leitura do poema faz confluír as funções estéticas básicas da *poiesis* e da *aisthesis* (produção e recepção (exigindo do leitor, cada vez mais agudamente, uma capacidade de relacionar textos postos em diálogo.

O exercício da crítica cumpre, a seu modo, aquela função da leitura que se torna pública, lembrada por João Alexandre Barbosa (1996:10) em "Paixão e melancolia da leitura": "A leitura de uma leitura: mecanismo de reprodução que é, em grande parte, responsável pela continuidade daquilo que se costuma chamar de experiência da literatura".

Recuperar a poética de Augusto dos Anjos é, assim, uma operação que se processa em abismo: a leitura da leitura da leitura da leitura... nos sucessivos presentes dos textos críticos, fixados no tempo por uma data. Atravessado pela diferença discursiva, o movimento só se deixa acompanhar a partir de uma perspectiva dialógica da leitura, condição básica para que os textos não se reduzam a documentos e não percam as relações intersubjetivas que pulsam em seu tecido.

RESUMO:

Ressaltar a importância da história da crítica na recuperação do incessante movimento de leituras do Eu, de Augusto dos Anjos, é o objetivo deste ensaio, que se desdobra também como leitura da configuração fundadora de uma poética contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: *Crítica; Recepção; Diacronia/Sincronia; Eu; Augusto dos Anjos.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ANJOS, Augusto dos. *Augusto dos Anjos - Obra Completa*. org. Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- BARBOSA, João Alexandre. O elogio da Crítica. *Leia*. Ano IX, nº 100, Fev. 1987. p. 24.
- . *A Leitura do Intervalo*. São Paulo: Iluminuras, 1990.
- . Paixão e melancolia da leitura. *Folha de São Paulo - Mais*, nov. 1996. p. 10.
- COMPAGNON, Antoine. *O Trabalho da Citação*. Trad. Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.
- HOUAISS, Antônio. Cinquentenário da morte de Augusto dos Anjos. In: COUTINHO, Afrânio e BRAYNER, Sônia (orgs.) *Augusto dos Anjos - Textos Críticos*. Brasília: INL, 1973.
- JAUSS, Hans Robert. O Prazer Estético e as Experiências Fundamentais da Poiesis, Aisthesis e Katharsis. Trad. Luiz Costa Lima e Peter Naumann. In: LIMA, Luiz Costa (org.) *A Literatura e o Leitor: Textos de Estética da Recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- . O texto poético na mudança de horizonte da leitura. In: LIMA, Luiz Costa (org.) Trad. Marion S. Hirschmann e Rosane V. Lopes. *Teoria da Literatura em suas Fontes*. Vol. 2. 2ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.
- ROSENFELD, Anatol. A costela de prata de Augusto dos Anjos. In: COUTINHO, Afrânio e BRAYNER, Sônia (orgs.) *Augusto dos Anjos - Textos Críticos*. Brasília: INL, 1973.